

# PASTERNAK

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Sim, Pasternak. Ainda Pasternak. Mais uma vez Pasternak. Provavelmente vou dizer o que todo o mundo já disse, mas não faz mal. Todo o mundo livre, todo o mundo decente, todo o mundo que ainda guarde um resquício de vergonha na cara, diante de certos fenômenos, pronuncia os mesmos juízos. O caso Pasternak é um record soviético. Tempos atrás festejaram o feito balístico e astronômico: atiraram uma bola metálica e um cachorro em altura ainda não atingida; hoje podem festejar outro feito: rebaixaram um poeta, espesinharam um romancista, relegaram um escritor, e todo um sindicato, a uma baixa nunca antes atingida. O romancista não tem licença de receber o prêmio, e dá ao mundo o triste espetáculo duma renúncia voluntária; mas os físicos podem receber, os físicos têm licença de embolsar o dinheiro, de fazer um discurso, de agradecer ao rei da Suécia, de representar em suma o papel de gente civilizada. Comandados pelo estalo do chicote do domador, os físicos irão à Suécia direitinhos, e voltarão direitinhos, com suas roupas novas, para o ocidente ver, e com o dinheiro no bolso, mesmo porque lá ficam na Rússia as mulheres e as crianças desses físicos.

Na minha ocidental opinião, se os físicos tivessem vergonha na cara não receberiam o prêmio; mas parece que vergonha na cara é trevo de quatro folhas nesse imenso país. A gente não sabe, em toda essa degradante história, onde está a maior torpeza. Talvez

no tal sindicato de escritores, que expulsou Pasternak, que aproveitou a oportunidade, como se costuma dizer em linguagem burocrática, para dar função ao ódio que toda mediocridade tem pelo valor verdadeiro, e que na Rússia tem apoio do regime. Essa torpeza máxima e concentrada é realmente o resultado, a condensação de uma torpeza geral, oficial, nacional, produzida necessariamente pelo regime. A União Soviética é uma máquina de fazer gente assim como esse sindicato de escritores e como esses disciplinados cientistas. Uns poucos resistem, porque a natureza humana tem grandes reservas, mas serão castigados severamente pela Máquina, se a resistência se tornar mais visível. Deve ser horrível viver com alguma centelha humana dentro dessa máquina de pesadelo!! Coitado do Pasternak!! Em qualquer outro lugar do mundo o escritor estaria a estas horas recebendo telefonemas dos amigos, ou estaria imaginando a casa que iria comprar com o prêmio, o jardim, os móveis, ou então, dado que fosse instável seu temperamento, estaria debruçado no mapa estudando a viagem feliz que faria com a mulher amada, ou mesmo sem ela. Em qualquer outro lugar do mundo livre haveria um velho escritor feliz; na Rússia do Sputnik II há um desgraçado. O prêmio, a amabilidade do fimado sueco, o mimo civilizado, passando pelo filtro das instituições soviéticas transforma-se em castigo.

E é para instalar aqui coisa parecida que os estudantes andaram tumultuando as eleições da UME.